

## **IMAGEM TÉCNICA, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: DESAFIOS METODOLÓGICOS**

**Aluno: Lucas Boscacci Pereira Lima da Silva**  
**Orientadora: Solange Jobim e Souza**

### **Introdução – Câmera como Instrumento de Mediação**

Vivemos em um momento histórico cuja assimilação e compreensão da experiência cotidiana depende, cada vez mais, das imagens técnicas. Entendemos que a cultura da imagem administra não apenas o espaço social, mas, sobretudo, o espaço subjetivo, uma vez que tanto o espaço social como o subjetivo são experiências indissociáveis. Portanto, a cultura da imagem é capilar, atua no plano sensível, incide na forma como o sujeito se posiciona no mundo e se relaciona com ele mesmo, interferindo na produção de valores, costumes, gostos, desejos e modos de pensar. Deste modo, a subjetividade na perspectiva aqui adotada, não é uma essência psíquica isolada, mas uma instância psíquica produzida por mediações individuais, coletivas e institucionais, sem que haja qualquer hierarquia entre elas. Trata-se, na concepção de Felix Guattari (1992), de uma subjetividade para além do sujeito individual, produzida no campo social. Levando em consideração os aspectos acima apontados, nossa questão de pesquisa se revela da seguinte maneira: **como caracterizar a relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa quando nos propomos a utilizar a videogravação como instrumento de mediação na produção do conhecimento em psicologia?**

A produção do conhecimento nos dias de hoje não dispensa a nossa capacidade de dialogar com os aparatos tecnológicos, incentivando o pesquisador do campo das ciências humanas a construir, com estes aparatos, novas possibilidades de usos, submetendo as máquinas de reprodução de imagens técnicas (trataremos nesta pesquisa especificamente do uso do vídeo) ao nosso poder e desejo de inventar novas estratégias metodológicas na relação com o ato de pesquisar. Trata-se, portanto, de criarmos, através da pesquisa em ciências humanas, modos de confronto com a experiência tecnológica, colocando tanto o pesquisador como sujeitos da pesquisa na posição de se sentirem responsáveis por inventar diversas estratégias de interação na produção do conhecimento.

Na atual pesquisa a câmera de vídeo é concebida como um terceiro sujeito na cena, capaz de interferir nas próprias atividades desenvolvidas no trabalho de campo, favorecendo ou dificultando o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas e desejos que são incorporados na forma como a relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa vai sendo produzida naquele contexto específico. Deste modo, vale destacar que tanto o pesquisador quanto os sujeitos envolvidos na pesquisa estão juntos trabalhando acerca de um tema específico e a narrativa se desenvolve a partir de um compromisso que supõe a presença da câmera e todas as conseqüências de sua influência nos rumos que o discurso assume no contexto em que a pesquisa acontece.

## **Objetivos – Caracterizando Relação Pesquisador, Sujeitos e Aparatos Tecnológicos**

O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade (GIPS), coordenado pela Professora Solange Jobim e Souza no Departamento de Psicologia, vem desde 2006, desenvolvendo um trabalho de pesquisa intitulado “Perspectivas da juventude no mundo contemporâneo”, abordando temáticas específicas em torno deste tema mais amplo. A presente pesquisa, *“Imagem técnica, produção de subjetividade e pesquisa em ciências humanas: desafios metodológicos”*, representa uma preocupação epistemológica que visa analisar as estratégias metodológicas que estão sendo criadas a partir do uso da vídeogravação nos diferentes trabalhos de campo (Oficinas, rodas de conversa, entrevistas em grupos) desenvolvidos nas pesquisas específicas com este público alvo, jovens de diferentes segmentos sociais. Portanto, trata-se de analisar a questão do uso da câmara como um aparato pródigo de possibilidades, refletindo sobre a linguagem da imagem técnica no âmbito da pesquisa em ciências humanas.

O grupo de pesquisa (GIPS) tem se beneficiado com a possibilidade do acompanhamento sistemático, através de registros filmados, de todo o desenvolvimento das pesquisas de campo com o público jovem<sup>1</sup>. As videograções referem-se aos trabalhos de pesquisa, dissertações de mestrado e teses de doutorado, em andamento pelos integrantes do GIPS. O grupo está criando através desta estratégia metodológica um acervo de imagens gravadas que serão posteriormente editadas em formato de documentário para divulgação dos resultados das pesquisas relacionadas a esta linha de investigação mais ampla, intitulada “Perspectivas da Juventude no mundo contemporâneo”.

Nesta pesquisa buscou-se compreender quais poderiam ser as estratégias metodológicas relativas ao uso da vídeogravação, em pesquisa em psicologia, ao longo do trabalho de campo realizado com jovens entre 18 e 29 anos, a partir de oficinas denominadas “rodas de conversas” que aconteceram na pesquisa intitulada “Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais”, da dissertação de mestrado, defendida em março de 2010, por Carolina Salomão Correa. Nosso objetivo, portanto, é analisar sistematicamente o uso da vídeogravação no âmbito desta pesquisa com jovens. As imagens gravadas foram editadas e colocadas em discussão no grupo de pesquisa para a análise sistemática, através de descrições minuciosas dos pesquisadores das interferências provocadas pela câmara na relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e os impactos que o instrumento gerou para os sujeitos pesquisados e os próprios pesquisadores.

Nossa intenção é analisar o uso da câmara para além da função única de registro. O que se pretende é colocar em discussão o uso da técnica, no caso a câmara de vídeo, como um aparato que afeta a produção de conhecimento, tanto no momento da atividade de campo, como posteriormente na análise e edição das imagens selecionadas para a apresentação dos resultados da pesquisa.

Assim, o que se buscou com a utilização deste aparato foi muito menos captar sutilezas legítimas nos discursos dos jovens por meio de uma observação filmada, mas propriamente compreender como a câmera torna-se outro ator na cena, que afeta a dinâmica

---

<sup>1</sup> Toda a parte técnica, videogravação e edição posterior das imagens, foi realizada por mim, devido à minha experiência no uso destes aparatos. Fui responsável pelo manejo dos aparatos técnicos, tanto no momento da atividade de campo, como no posterior tratamento das imagens para análise e divulgação dos resultados das pesquisas.

das “rodas de conversas” como um todo, desencadeando papéis diferenciados nos sujeitos envolvidos.

### **Metodologia**

A aposta na prodigalidade do uso da videogravação parte da premissa de que os modos de produção de conhecimento não podem estar distantes das práticas sociais e culturais cotidianas e, portanto, cabe ao pesquisador criar estratégias de investigação mais condizentes e integradas com a experiência do sujeito contemporâneo de ver e de ser visto a partir das mediações proporcionadas pelas imagens técnicas.

Neste sentido, a câmera foi concebida como um terceiro sujeito na cena, capaz de interferir no próprio desenvolvimento das *rodas de conversas*, favorecendo ou dificultando o surgimento de uma infinidade de comportamentos, expectativas e desejos que são incorporados na forma como o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico. Deste modo, vale destacar que:

...tanto o pesquisador quanto os sujeitos envolvidos na pesquisa estão juntos trabalhando acerca de um tema específico e a narrativa se desenvolve a partir de um compromisso que supõe a presença da câmera e todas as conseqüências de sua influência nos rumos que o discurso assume no contexto da entrevista. (Jobim e Souza, 2003, p.88)

Utilizamos as *rodas de conversas* para observar como os participantes poderiam demonstrar consciência sobre os efeitos que a câmera provocava em suas falas. Ou seja, observar e analisar que a presença da câmera tornava explícita a preocupação dos participantes com a repercussão de suas falas em outros espaços públicos, uma vez que todos estavam levando em consideração que aquele momento não se extinguiria e as possibilidades de reprodução das imagens e das falas seriam imensas.

O uso da videogravação em pesquisa acadêmica não se caracteriza somente como um rico instrumento de coleta de dados, mas operacionaliza a condição na qual pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações, tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual. (Jobim e Souza, 2003, p.91)

Em última instância, a câmera seria interlocutora dos jovens através do registro de seus depoimentos e edição das imagens. Assim sendo, jovens de espaços diversos e a princípio distantes entre si comunicariam-se. Editando os registros das *rodas de conversas*, promove-se um amplo diálogo entre os participantes para que os pontos em comum e os aspectos discordantes fossem confrontados e convertidos em um grande debate.

A presença da câmera no contexto das *rodas de conversas* tornava-se um novo elemento no interior da dinâmica, uma vez que se configura como *um outro* que interfere e modela os discursos em direções mais amplificadas. Portanto, o uso da técnica, a câmera neste caso, é um ator que afeta e é afetado pelos outros atores envolvidos. Assim, o que se busca com a utilização deste aparato é muito menos captássemos as sutilezas legítimas nos discursos dos jovens envolvidos, por meio de uma observação filmada, mas sim compreender

como a câmera torna-se outro ator na cena, que afeta todos os envolvidos. A possibilidade de se reproduzir as falas para além do momento presente e em outros espaços estabelece condições de possibilidade que fazem dos discursos ali presentes um ato público.

Cabe esclarecer ainda que a metodologia utilizada consistiu não só na análise das imagens capturadas durante a pesquisa “Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais”, uma fonte essencial para informação foram os registros das atas das reuniões do GIPS e dos diários de campo.

### **Conclusões preliminares**

O convívio com as imagens técnicas promove transformações no modo como o homem significa as suas experiências no mundo, forjando novos modos de subjetivação que despontam no horizonte contemporâneo, o que nos orienta para a necessidade de uma reflexão maior acerca das implicações e dos significados que atribuímos a estas imagens.

Uma das associações mais claras para nosso interesse é a postura de assumir a câmera desenvolvendo um trabalho de campo que se tece em torno mesmo das implicações de sua presença, implicações com as quais o entrevistado se vê obrigado a confrontar na certeza de que o seu discurso se endereça não apenas para o pesquisador/diretor e sua equipe, mas também para um registro áudio-visual capaz de eternizar a sua narrativa.

Dentre as implicações do uso da câmera percebidas a partir da pesquisa realizada, três pontos podem ser destacados, a saber: a câmera localizada no centro das *rodas de conversas* intensifica o seu lugar enquanto mais um ator na produção de conhecimento; a sua presença favorece uma maior implicação por parte dos jovens participantes na discussão da temática proposta, uma vez que reconhecem o potencial da câmera enquanto eternizadora de seus discursos; a necessária responsabilidade do pesquisador no que diz respeito ao cuidado ético que deve ter no momento de selecionar, editar, e finalizar o documentário produzido a partir do contexto de uma pesquisa acadêmica, preservando deste modo a imagem dos sujeitos da pesquisa.

Quanto à questão de que a câmera influencia na construção de um personagem por parte daquele que é filmado, seria interessante uma maior discussão acerca de como e de que modo a câmera intervém nessa “atuação”. É inegável que a pessoa filmada altera seu comportamento diante da câmera, por saber culturalmente que a mesma perpetua sua imagem e fala. As imagens, quando reproduzidas em conteúdo original gera uma exposição plena, nua e fiel aos acontecimentos, e quando reproduzidas editadas pode ser desvirtuada.

Dentro da pesquisa, a câmera foi utilizada como uma materialidade que media a experiência dos jovens no mundo. Esta concepção de uso da câmera parte da assertiva de que a constituição subjetiva é, em larga medida, perpassada pelas inúmeras mediações técnicas com as quais nos acostumamos a viver no mundo contemporâneo. O trabalho foi constituído através da indagação: “Até que ponto assimilamos nossas experiências com essas materialidades, ou ainda, em que medida preservamos uma autonomia no uso ou sentido que atribuímos a estes objetos técnicos?” mas, longe de pretender esgotar a questão, a discussão buscou trazer para os domínios da produção de conhecimento um modo de integrar a mediação técnica, no caso, a videogravação. Possibilitando assim uma reflexão necessária para a compreensão cada vez maior de como podemos incluir essas materialidades técnicas no âmbito da pesquisa acadêmica.

## Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999

JOBIM E SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. **Ciências Humanas e Pesquisa – Leituras de Mikhail Bakhtin**, São Paulo, Cortez, 2003 – (Coleção questões da nossa época ; v. 107)

LAW, J e URRY, J. *Enacting the Social. Net*, Lancaster, 2003. Department of Sociology. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/soc099jlju.html>.

MORAES, M. O. *Estudo das Técnicas na perspectiva das redes de atores*. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, V.9, n. 2 e 3, P. 60-67, 1997.

RODRIGUES, J. C. Uma paixão cega pelos meios visuais? **Cine Imaginarium – Da arte de fazer psicologia, comunicação e cinema**, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2008, p. 95-109

SALOMÃO, C. Tese de Mestrado. **Violência urbana e vulnerabilidades: Os discursos dos jovens e as notícias de jornais**. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2010.